

Da vida baunilha aos êxtases no erotismo contemporâneo

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.145532>

Romário Vieira Nelvo

📍 *Museu Nacional/UFRJ | Rio de Janeiro, RJ, Brasil*
✉ *nelvo.romario@gmail.com*

GREGORI, Maria Filomena. 2016. *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 288 pp.

Como as pessoas consomem pornografia em seus cotidianos da “vida baunilha”, lidam com as transgressões e convenções sexuais? Como a pornografia se transformou nos últimos anos, construindo o “erotismo politicamente correto” e, como esta tem se estabelecido no Brasil por meio do mercado? É fa-

zendo a articulação entre o “prazer” e o “perigo” e suas manifestações no erotismo contemporâneo que Maria Filomena Gregori – antropóloga e professora da Universidade Estadual de Campinas – lançou mão de seu mais novo livro etnográfico, intitulado *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade* (2016). O trabalho de campo deu-se em um período longo, de mais de dez anos de duração, contando com explorações antropológicas que foram dos Estados Unidos ao Brasil e foi inicialmente escrito como tese de livre docência defendida em 2010.

Pelas páginas que se seguem, temos a possibilidade de conhecer um mundo estranho que Gregori, uma até então “neófito” em campo, vai descobrindo, se afetando com a etnografia e tornando o aparentemente estranho em algo familiar em suas descrições. Seu livro convida os leitores a se deliciarem com tipos de práticas sexuais que ousam lidar com as convenções e transgressões (onde habitam prazer e dor) do que conhecemos por sexo e sexualidade. Daí a ideia, que permeia todos os capítulos, de reunir como discussão o mercado, a erótica contemporânea, as assimetrias de gênero e os limites da sexualidade. Assim sendo, o livro se propõe a discutir hierarquias, normas e proibições como parte do repertório do erotismo contemporâneo. Neste sentido, a autora nos guia por entre transgressão sexual (mas também as normas e os abusos), a transformação do sexo em paródia, objeto sexual em agente e, sobretudo, o corpo entre

as fronteiras de gênero, erotismo, prazer, perigo e limites.

Já no início do livro, na primeira cena de apresentação, a autora reconstrói uma das incursões a campo ocorridas na cidade de São Paulo. O local é conhecido por ser ocupado por pessoas adeptas do SM – doravante ela chama de sadomasoquismo. Assim que a cena termina, Gregori afirma como foi difícil para ela reconhecer aquele tipo de prática sexual, até mesmo para dar vida à sua escrita etnográfica. Nos assinala, também, o quanto foi necessário transformar essas formas de prazer em exóticas aos seus olhos – cujas pessoas comuns realizam práticas de amarrar, espancar, e furar corpos para, assim, erotizá-los. Se em um primeiro momento o estranhamento faz parte da etnografia, Gregori deixa, futuramente, o campo e seu afeto reconhecer que são práticas legítimas, mas que mesmo assim seria sua alteridade em entendimento de sexualidade.

O livro está inscrito numa tentativa (bem-sucedida) de articular a teoria social, a etnografia e os estudos de gênero e sexualidade, objetivando entender os *prazeres perigosos* e o mercado de forma concomitante. À luz da etnografia da autora e por toda a revisão teórica feita acerca dos estudos de gênero, sexualidade e erotismo, não seria exagero frisar o pioneirismo de sua pesquisa. A discussão da autora acerca de desejo e poder, violência e risco bebe de fontes que vão desde Marquês de Sade a Freud, ao passo que evoca ainda produções antropológicas brasileiras contemporâneas, de autoras como Regina Facchini, Maria Elvira Díaz Benitez e Laura Lowenkron. É com estas influências teóricas que a autora dialoga em sua obra, dividida em suas partes.

Em um primeiro momento, se propõe a discutir os *prazeres*, dando atenção às disputas políticas existentes no contexto norte-americano, onde certos grupos buscaram transformar a pornografia em algo “politicamente correto” e como, por meio do mercado, a pornografia chega ao Brasil e em São Paulo, especificamente. Discute o mercado erótico na metrópole brasileira, fazendo uma etnografia em *sex shops* e evidencia o quanto aqui se estabeleceu um nicho feminino e heterossexual do erotismo. Assim aparecem os usuários, estes que estão constantemente lidando com as transgressões e as convenções de gênero. A autora encerra este momento de seu texto apresentando os usos dos *sex toys*.

Em um segundo movimento, aparecem os *perigos*. Aqui, coube à autora apresentar a sua etnografia feita em clubes de sadomasoquismo na cidade de São Paulo, que lida com as gramáticas do “consentimento”. Tem destaque, nesse momento da escrita, a questão da vulnerabilidade, uma vez que o risco é algo presente e os marcadores sociais da diferença e desigualdade permanecem no mais das vezes. Dessa forma, os “limites da sexualidade” – noção central para a autora – evidenciam-se quando Gregori sinaliza que o prazer e o perigo andam lado a lado no erotismo contemporâneo, pois na tentativa de driblar as normativas sexuais, com as propostas transgressoras do sadomasoquismo, por exem-

plo, ao mesmo tempo se expõem assimetrias de gêneros já existentes na vida social. É assim que os “tensores libidinais” estão em hierarquias, desigualdades e diferenças; eles são:

Resultantes da noção de que o desejo é feito daquilo que provoca, que incita e que aponta a diferença. Assim, os chamados “marcadores sociais da diferença” – que incluem gênero, idade, classe/status, cor/raça –, que operam como eixos na configuração das posições sociais desiguais, quando consideramos relações de abuso, também atuam no delineamento daquilo que proporciona o prazer. As hierarquias, normas e proibições formam o repertório do erotismo a partir de todo um esforço de transgressão (: 24).

Em *Entre o prazer e o perigo*, o primeiro capítulo da etnografia, a autora realiza uma discussão bibliográfica sobre o erotismo e como este se articula com o contexto das *sex wars* dos fins de 1970. Neste rol histórico da discussão, a antropóloga retoma o entrave entre as feministas que eram a favor da pornografia, inspiradas pelo potencial de liberação dos prazeres, com as feministas radicais e a lei antipornografia, debruçando-se sobretudo sobre a figura de Catharine Mackinnon. Contemporâneo das *sex wars*, Gregori ainda traz à tona a *New Right*, conhecida como a nova direita que era contra o aborto e os direitos sexuais de pessoas homossexuais.

É neste contexto que surgem as *sex shops* e os primeiros acessórios sexuais. Gregori fez incursões a campo durante o ano de 2001 entre San Francisco e Berkeley. Ela apresenta o nascimento da *Good Vibrations*, uma *sex shop* inaugurada em 1977 por Joani Blank. A antropóloga retorna à loja anos depois e nos abrilhanta acerca da valorização da sensualidade e como esta foi importante para a construção do “erotismo politicamente correto”. A presença feminina e a venda de *sex toys* (como dildos e vibradores) que possibilitavam o aumento do prazer estavam atrelados à ideia de “fortalecimento do eu”, como uma espécie de “self do erotismo”, e não à subversão de normas sociais:

A Good Vibrations é exemplar como caso bem-sucedido do erotismo politicamente correto. Loja criada no marco das sex wars entre as feministas radicais e as libertárias, ela conseguiu fazer dinheiro e produzir efeitos positivos sobre o campo da defesa de direitos sexuais, ampliando, de modo muito rico, as possibilidades de pensar novas alternativas eróticas (: 59).

A pornografia se desconectava, assim, da gramática do obsceno e adquiria sentido de saúde e fortalecimento do *self*. Desse modo, foi a partir da aproximação entre “sacanagem” e “saúde”, “corpo” e “mente” que o erotismo borrou as fron-

teiras transnacionais e chegou ao Brasil por meio do mercado. É partindo daí que ela conduz o capítulo *Mercado erótico e feminilidades: sex shops em São Paulo*. Construiu sua etnografia – de 2004 a 2009 – a partir de três nichos desse mercado: As lojas do centrão (localizadas na zona central da cidade, na qual há uma maior circulação de pessoas e heterogeneidade de segmento social), as *sex shops* de bairros e as boutiques eróticas. No “centrão da cidade” foi possível localizar um fluxo grande de homens. Nas *sex shops* de bairros havia um nicho erótico que visava atingir casais heterossexuais¹. Por fim, as boutiques seriam lojas grandes das classes altas, organizadas principalmente pelo discurso da saúde e pelo afastamento da *sujeira*. Em outras palavras, a proposta é sair do *underground* e estabelecer a ideia de sofisticação. Com o fim de atingir esse efeito, empregam-se tanto uma maior variedade de *sex toys*, fantasias etc., quanto a *importação* desses produtos. Ainda no presente capítulo ela percorre por “Cenas exemplares”, que são cursos de etiquetas sexuais voltados para mulheres. Neste ponto, há de se perceber a gramática da auto-estima atrelada à ideia de saúde.

Se até aqui a autora deu atenção para uma descrição do mercado no erotismo contemporâneo, que se inicia nos Estados Unidos e chega ao Brasil, é no capítulo intitulado *Usos*, que aparecem as falas de seus entrevistados, objetivando problematizar os roteiros sexuais e suas vidas dinâmicas à procura de “fugas desejantes” (Perlongher, 1987), as quais transformam o ato sexual em social, processual e relacional. Possibilidades de construção de agência das pessoas e dos objetos eróticos, refletindo sobre a atividade e a passividade nos corpos e nos objetos, também aparecem nesse momento, levando o leitor a pensar sobre as operações relacionais entre as *peessoas* e as *coisas*.

Fazem-se presentes, então, os deslocamentos das convenções, uma vez que o dildo, por exemplo, nasceu ainda nos idos do século XIX para curar a histeria feminina. Como uma espécie de “mimetismo do sexo” – e desde Taussing (1993) sabemos que a *mimesis* nunca é uma imitação literal, mas sim uma cópia pela diferença –, temos que as normativas se transformam para novos usos; dessa vez, o *toy* erótico visa aumentar o potencial de prazer e não curar uma “doença”. A partir das falas dos usuários é possível perceber como os brinquedos aparecem como um novo ser e agente na relação que antes era a dois – sobretudo em casais heterossexuais – recebendo nomes (como os dildos “James” e “Jack”, assim nomeados por seus usuários), e por que não *status* de pessoa? A isto, Gregori classifica como o deslocamento de “Bens eróticos” para “Agentes eróticos”.

Quanto aos *perigos*, a antropóloga dedica os capítulos: *SM e Limites da Sexualidade*. Entre os anos de 2010 e 2014, centrou seus estudos no segmento do sadomasoquismo em São Paulo, tendo frequentado os clubes Libens e Dominna, além de ter mantido contato com diferentes redes da cena BDSM (Bond-

1 Gregori comenta a ocorrência quase singular do uso de fantasias eróticas (quais sejam: enfermeira, colegial, empregada doméstica, coelhinha etc.) nas classes média e alta. Nota também como o corpo fantasiado é quase sempre o *feminino*, e como o processo de erotização precisa passar por vestir a fantasia e, somente mais tarde, no ato sexual, despi-la.

age, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo), locais onde ocorrem um conjunto de práticas eróticas que ritualizam jogos de poder. Nestes espaços aparecem os chicotes, as técnicas de amarrar corpos, transformá-los em estátuas, espancá-los e, desta forma, erotizá-los. São práticas que “teatralizam a humilhação”, e a dor – como a concebemos –, parece não fazer parte da cena. Esse segmento se estabelece à luz da retórica “seguro, saudável e consensual”. Estas práticas mantêm o caráter simbólico entre os mestres e os submissos e/ou “escravos” – o que, como alerta a autora, seria uma das formas pelas quais se manifestam desigualdades, poderes e abusos.

No sadomasoquismo se inscreve um tipo de discurso erótico que procura sair do obsceno, ao afirmar o poder nas relações sexuais. Para a autora, as dinâmicas entre humilhar, machucar, e assim buscar o prazer, estariam orientadas pela comunicação de negociação entre pessoas adeptas. O jogo de poder é central na imaginação erótica e é, também, o que permite legitimar as práticas sadistas e masoquistas. Esses jogos de poder se inscreveriam também no “politicamente correto”, como as *sex shops*, por procurar preservar o cuidado com a segurança, o consentimento e a saúde das pessoas, afastando, portanto, a ideia da violência. De todo modo, nestas práticas envolvendo espancamentos e amarração do corpo o gênero permanece como marcador, bem como idade, classe, cor/raça etc. No contexto do segmento “seguro, saudável e consensual” os prazeres também operam como abuso e diferença.

Dito isso, toda a discussão acerca dos “limites da sexualidade” feita pela autora, visa então a conclusão de que as práticas eróticas em questão estão na “zona fronteira onde habitam norma e transgressão, consentimento e abuso, prazer e dor” (: 22). *Prazeres perigosos* é surpreendente porque consegue abordar os temas clássicos dos estudos de gênero, sexualidade e erotismo de modo que possibilita repensar suas noções por novos ângulos.

Assumo analiticamente que assim que terminei a primeira parte do livro me pareceu que alguns brinquedos eróticos (dildos, vibradores, fantasias etc.) eram inofensivos, enquanto os outros (chicotes, *floggers*, palmatórias, cordas e as performances de espancamentos) eram por sua vez agressivos, impressão essa que atribuo à ênfase dada por Gregori às “fissuras” que marcam a diferença e desigualdade nos jogos de poder. As práticas sadomasoquistas estão constantemente sob vigilância, e repensando seus limites, por isso o consenso é algo sempre, e necessariamente, negociado. É aqui que o risco aparece como algo presente. Numa leitura rasa me pareceu que o “perigo” estaria apenas nos clubes e bares de *SM plays*, enquanto as *sex shops* somente ofereceriam “prazeres”. Contudo, o fato desse mercado ser primariamente feminino, acaba por ser “perigoso” porque mantém normas sociais e sexuais. Dito de outra forma, se transar com *coisas* (dildos e vibradores) transgride convenções, até mesmo corporais, essas

práticas também atualizam desigualdades de gênero, idade, raça/cor etc., materializando-as no mercado.

É assim, portanto, que o prazer e o perigo estão presentes em todo o livro. No que tange ao sadomasoquismo, Gregori destaca o caráter que este tem de parodiar marcadores e transformar a erótica em algo que vai além das convenções, pois: “Não existe arte que queira apenas imitar a vida, não existe também, mesmo no cenário atual das preocupações politicamente corretas, erotismo sem burla e sem transgressão” (: 202). Porém, se por um lado a autora evidencia a transgressão, é justamente dessa tentativa de sair da norma, que, por outro lado, surgem “fissuras” e “abusos” em suas performances tais quais, ela destaca: mulheres como submissas a homens, em sua grande maioria com faixas geracionais distantes. Os “limites da sexualidade” estão lidando, assim, com as convenções de gênero, limites, abusos e violência para o exercício da sexualidade.

O pioneirismo de *Prazeres perigosos* é a sua pesquisa etnográfica. E, sobretudo, porque o estudo leva em conta a utilização das pessoas em busca de prazeres sexuais, transformando o corpo em “corporalidades eróticas” e em um objeto cada vez mais possível de análise social. O caráter inovador do livro é também o de repensar às noções de sexualidade, corpo, matéria e objeto. Em suma, como as pessoas estão fazendo sexo e como classificar – algo primordial, senão um ofício de todo antropólogo (a) – seus prazeres, atentando para moralidades, gênero e sexualidade?

Sim, leitor (a), toda essa discussão que, a meu ver, atualiza o dispositivo da sensibilidade humana no qual jaz o “império dos sentidos” já postulado por Duarte (1999), encontra-se na presente obra. É uma etnografia que toma o “íntimo” das pessoas, e permite pensar sobre campos relacionais possíveis, ali mesmo, dentro de *sex shops* e em performances de espancamentos, mas que vão para além daqueles espaços. Como todo estudo etnográfico, o de Filomena Gregori está imerso em questões que dizem respeito a vida social.

Romário Vieira Nelvo é mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social no Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ) e Cientista Social pela UERJ. Tem interesse em Antropologia da Saúde e Doença, Emoções, Sexualidades e Gêneros, atuando nos seguintes temas: biografias de pessoas com doenças crônicas e degenerativas, sofrimento social, HIV/Aids e movimentos de mães por saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Luiz Fernando Dias

- 1999 “O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna”. In HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Zahar. pp. 21-30

PERLONGHER, Néstor

- 1987 *O negócio de michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo, Editora Brasiliense.

TAUSSING, Michael

- 1993 *Mimesis and Alterity: A Particular History of the Senses*. Nova York, Routledge.